

Tales Faria

Ações “preparatórias” contra Flávio ameaçam a chapa com cassação

Pré-candidato do PL a presidente da República, o senador Flávio Bolsonaro (RJ) será alvo de ações que podem resultar até na cassação da sua chapa pela Justiça Eleitoral.

Motivos: o pedido a Daniel Vorcaro, dono do liquidado Banco Master, de R\$ 134 milhões para financiar o filme “Dark Horse”, assim como seu encontro com o banqueiro quando este já estava em prisão domiciliar com tornozeleira eletrônica.

O ex-presidente da Câmara Arlindo Chinaglia (PT-SP) protocolou no Tribunal Superior Eleitoral (TSE) e na Procuradoria Geral Eleitoral “procedimentos preparatórios” visando ações de “Investigação Judicial Eleitoral” contra o candidato.

As ações apontam ilícitos que, se confirmados pela Justiça Eleitoral, em outros casos já resultaram até em perda de mandato após a posse como chefe de Poder Executivo. Chinaglia elencou:

- Abuso de poder econômico (artigo 22 da Lei Complementar 64/1990);
- Abuso de poder político (artigo 22 da mesma Lei Complementar);
- Uso indevido dos meios de comunicação social (também no artigo 22);
- Arrecadação e gasto ilícito de recursos de campanha (art. 30-A da Lei nº 9.504/1997, chamada Lei das Eleições);
- Doação de fonte vedada (artigos. 23, 24, 24-C e 30-A da mesma lei).

O requerimento caracteriza o filme como propaganda eleitoral explícita, lembrando à Justiça que “o lançamento previsto é para 11 de setembro de 2026”. Ou seja, em pleno período eleitoral, a

menos de um mês do primeiro turno, marcado para o dia 4 de outubro.

Além disso, o deputado afirma que o longa metragem atua como uma “megapeça de propaganda disfarçada” que exalta a figura do ex-presidente Jair Bolsonaro (PL), pai do candidato e reproduz “teses conspiratórias e fake news contra a democracia brasileira”, ao afirmar, no roteiro, que fraudes nas urnas teriam sido “abundantes”.

No entanto a ação judicial é centrada “na total inviabilidade econômica do projeto”, que exporia uma engenharia financeira suspeita. O orçamento de R\$ 134 milhões, negociado por Flávio Bolsonaro, foge da realidade do cinema nacional.

No documento, Chinaglia diz que, para cobrir custos e obter o lucro de 20% prometido aos investidores, “o filme precisaria alcançar uma bilheteria irreel de até R\$ 804 milhões”. Aponta como base de comparação, que a maior bilheteria da história do cinema brasileiro arrecadou R\$ 181 milhões.

O deputado sugere que o levantamento de recursos pode ter outra finalidade: “A conta não fecha. O hiato entre o aporte realizado e o retorno comercial, tido como impossível, constitui forte indício de ilicitude”.

A suspeita levantada por Chinaglia é de que o filme está sendo usado para triangular recursos públicos. Ele lembra que a produtora da obra, GoUp Entertainment, tem a mesma sócia-administradora de ONGs que receberam mais de R\$ 111 milhões da Prefeitura de São Paulo e de emendas parlamentares — “verbas que já são alvos de investigação policial por suspeita de notas frias”.

Fernando Molica

A dívida pesada da direita

A relação da direita, em particular do PL, com Jair Bolsonaro se assemelha àquela dívida que caracteriza uma forma de escravidão: trabalhadores enganados descobrem, ao chegarem em uma propriedade rural, que acumulam débitos por transporte, alojamento e habitação. Esse tipo de compromisso é impossível de ser quitado.

Diferentemente desses lavradores, a direita sabia onde estava se metendo ao avalizar o bolsonarismo e recebeu seu pagamento, milhões e milhões de votos que viabilizaram mandatos, poder e, eventualmente, bons negócios.

A derrota em 2022 não chegou a abalar a relação, o PL e partidos do Centrão elegeram muita gente, garantiram verbas de fundos partidário e eleitoral, liberação de emendas não obrigatórias e cargos no governo federal — até integrantes mais pragmáticos do partido de Bolsonaro conseguiram se ajeitar com o Planalto. Minoritário no Congresso, o governo precisou se render ao varejo do toma lá-dá cá para tentar aprovar projetos, e com frequência foi derrotado.

Nem mesmo o julgamento dos golpistas feriu a direita de maneira decisiva com exceção de casos isolados, como o do ex-deputado Alexandre Ramagem. O universo político tradicional escapou quase ileso da apuração da Polícia Federal, das denúncias da Procuradoria-Geral da República e das condenações do Supremo Tribunal Federal.

Indicado pelo pai para concorrer à Presidência, o senador Flávio Bolsonaro (PL-RJ) também não pareceu ser contaminado pela onda contra golpistas, tanto que vinha crescendo nas pesquisas eleitorais até o surgimento de suas conversas com Daniel Vorcaro.

A repercussão do caso e o dano à candidatura já detectador por duas pesquisas — Atlas/Intel e Vox — mudaram o jogo. Dessa vez, candidatos ao Legislativo e aos governos estaduais podem ser afetados pelas relações entre o primogênito de Jair Bolsonaro com o ex-proprietário do Banco Master.

Quase todos já tiraram casquinha na popularidade do ex-presidente e do senador, vai ficar difícil negar as ligações. Ficou menor a chance de muita gente se eleger no vácuo de um representante do clã, a conta ficou alta demais.

O histórico de Bolsonaro-pai e manifestações dele nos últimos dias indicam que ele não aceitará a retirada da candidatura que abençoou: defensor de sua própria família, prefere a reeleição do presidente Lula (PT) à ascensão de uma liderança à direita que deixe seu clã em segundo plano.

Ao exigir a manutenção de Flávio na cabeça de chapa do PL ao Planalto, ele exhibe aos aliados o tamanho da dívida por eles acumulada, a casa, a comida, e a roupa lavada. E, ao mesmo tempo, aponta para o sistema de segurança de sua propriedade, para os muros e para os milhões de eleitores que o seguem.

De frente para um dilema, aliados tentam ganhar tempo, esperam que as pesquisas eleitorais confirmem uma possível inviabilidade da candidatura de Flávio Bolsonaro, o que poderia justificar um rompimento e evitar a pecha de traição. O desafio, porém, será argumentar com base na racionalidade eleitoral com uma parcela da população trata a política com a lógica da fé, do embate do bem e do mal.

EDITORIAL

Quando a ‘Estrela’ ameaça apagar

Durante décadas, a fabricante de brinquedos Estrela ocupou um espaço raro no imaginário brasileiro. Não enquanto empresa, mas enquanto memória afetiva de uma infância embalada em caixas coloridas, reunindo gerações em torno do Autorama, do Banco Imobiliário, da Susi e do Genius. E é justamente por isso que o pedido de recuperação judicial anunciado nesta semana provoca, além da preocupação econômica óbvia, uma sensação coletiva e incômoda de perda simbólica.

O caso da fabricante, que completará 89 anos de história em junho deste ano, está longe de ser um caso isolado. O Brasil vive um período em que até as empresas tradicionais, marcas consolidadas e gigantes empresariais históricos têm sucumbido ao peso dos juros altos, do crédito restrito, da transformação digital acelerada e de um mercado consumidor cada vez mais fragilizado.

No caso da Estrela, a crise expõe uma combinação cruel: mudança de hábitos e incapacidade de adaptação rápida. As crianças trocaram parte dos brinquedos físicos pelas telas, pelos jogos online e pelo entretenimento digital. Concomitantemente, o avanço dos importados baratos reduziu ainda mais a competitividade da indústria nacional como um todo. A própria empresa reconheceu as dificuldades causadas pelo alto custo de capital e pelas restrições de

crédito.

E o pior está por trás dos números e dos comunicados ao mercado: os trabalhadores que vivem a angústia silenciosa de não saber se o emprego sobreviverá aos próximos meses. São famílias inteiras dependentes da estabilidade de uma companhia histórica. Comerciantes do entorno, fornecedores, transportadores e pequenos prestadores de serviço acabam sendo arrastados pela turbulência das grandes corporações.

Embora a Estrela tenha sede administrativa em São Paulo, sua presença industrial também impacta diretamente o interior paulista e as cidades próximas da Região Metropolitana de Campinas (RMC), cujo setor industrial já enfrenta a desaceleração há anos.

Talvez o aspecto mais preocupante seja justamente a normalização desse cenário. Recuperações judiciais tornaram-se frequentes demais, corriqueiras. E quando crises deixam de ser exceção para virar rotina, o país começa a corroer silenciosamente a sua capacidade produtiva, sua memória industrial e sua confiança econômica.

Um país que perde as suas empresas tradicionais, perde também parte de sua identidade econômica, cultural e social. E nenhuma sociedade consegue “brincar” de futuro quando o presente não oferece segurança nem esperança para quem trabalha..

Opinião do leitor

Pentecostes

Na solenidade de Pentecostes, que será celebrada, neste domingo, no dia 24 de maio, cada cristão é convidado a levar uma vida segundo o Espírito de Deus. Amparados nos dons espirituais e invocando sempre o espírito Paráclito e consolador que vem do Alto, nenhum cristão se sentirá sozinho ou desmotivado.

*José Ribamar Pinheiro Filho
Brasília - Distrito Federal*

Correio da Manhã

Fundado em 15 de junho de 1901

Edmundo Bittencourt (1901-1929) • Paulo Bittencourt (1929-1963) • Niomar Moniz Sodré Bittencourt (1963-1969)

Cláudio Magnavita (Publisher)
claudio.magnavita@gmail.com

Redação: Gabriela Gallo, Ivo Ribeiro, Marcelo Perillier, Pedro Sobreiro, Rudolfo Lago (editor), William França e Rafael Lima (Coordenador editorial)

Serviço noticioso: Folhapress e Agência Brasil

Projeto Gráfico e Arte: José Adilson Nunes (Coordenação), Anderson Sã e Thiago Ladeira

Telefones: (21) 2042 2955 | (11) 3042 2009 | (61) 4042-7872

Whatsapp: (21) 97948-0452

Rio de Janeiro: Av. João Cabral de Melo Neto 850 Bloco 2 Conj. 520

Rio de Janeiro - RJ CEP 22775-057

Brasília: ST SIBSQuadra 2 conjunto B Lt 10 - Núcleo Bandeirantes

Brasília - DF CEP 71736-20

São Paulo: Av. Francisco Matarazzo, 1752, sala 2317, Água Branca - São Paulo-SP - CEP 05001-200

Campinas: Avenida Aquidabã, 766, Sala 51, Centro - Campinas-SP, CEP 13010-132

www.correiodamanha.com.br

Os artigos publicados são de exclusiva responsabilidade dos autores e não necessariamente refletem a opinião da direção do jornal.